

CINIE

OUTUBRO

2\$00



Fátima Milagrosa

PRODUÇÃO 1928

ARGUMENTAÇÃO E REALIZAÇÃO
DE
RINO LUPO

DECORAÇÕES
DE
PEDRO DOS SANTOS

FOTOGRAFIA
DE
M. LAUMMAN

O MAIS FORMIDAVEL
TRIUNFO ATÉ HOJE
REGISTADO EM
PORTUGAL POR FIL-
MES PORTUGUESES

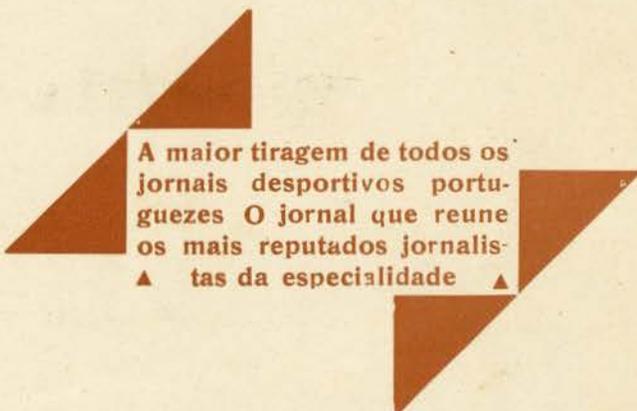
DEPOSITARIOS:

MELO, CASTELO BRANCO, L.^{DA}

RUA DAS PEDRAS NEGRAS, 24-2.º E.

OS SPORTS

BI - SEMANARIO



A maior tiragem de todos os jornais desportivos portugueses. O jornal que reúne os mais reputados jornalistas da especialidade.



Noticias Ilustrado

EDIÇÃO SEMANAL DO «DIARIO DE NOTICIAS»

O melhor magazine de actualidades

COLABORAÇÃO DOS MAIS BRILHANTES JORNALISTAS
E ESCRITORES PORTUGUEZES

**O unico jornal portuguez leito em
rotogravura**



CINE

REVISTA MENSAL DE ARTE CINEMATOGRAFICA

A N O I
NUMERO. 5

DIRECTOR: GOMES MONTEIRO
EDITOR: A. CALDERON DINIZ

OUTUBRO
1 9 2 8

SUMARIO

Capa — Lilian Harvey

	Pag.
Anita Page—foto.....	3
O cinema e os nossos monumentos.....	4
Hollywood Filme.....	5
Vida Portuguesa.....	7
Duelo.....	8
Como nas fitas..... <i>Castelo de Moraes.</i>	9
Louise Brooks — foto.....	10
Coimbra em Paris..... <i>Paulo Osorio.....</i>	11
As mulheres fatais do cinema.....	12
O operador..... <i>Mario Pires.....</i>	14
A paixão e morte de Rudolfo Valentino..... <i>Gomes Monteiro...</i>	16
Produção europeia.....	19
A vida romanesca de Renée Adorée.....	20
Tartufo.....	22
O cinema—purificador de almas.....	23
Lewis Stone - foto.....	24
De toda a parte.....	25
O cinismo genial de John Barrymore..... <i>Sergio de Montemor</i>	27
Correspondencia.....	31

Este numero foi visado pela comissão
de censura

Redacção e administração: L. Trindade Coelho, 10 LISBOA Composição e impressão: Rua da Rosa, 99 a 107
Assinaturas — Seis meses: 12\$00 — Ano: 24\$00

DEPOSITARIA

FILIAL DO DIÁRIO DE NOTÍCIAS
L. TRINDADE COELHO, 10-11 — LISBOA



Cento e cinquenta mil dollars de joias nas mãos da Anita Page e... quatro detectives guardando os arredores do ponto a filmar.

CINEMA

O CINEMA E OS NOSSOS

MONUMENTOS

A educação do povo português não pode fazer-se como antigamente, pelos processos demorados de que se serviam os educadores de nossos avós e que são ainda quasi os mesmos de que se servem os educadores de nossos filhos.

Poucos são os nossos compatriotas que viajam em Portugal e em menor numero ainda os que, percorrendo o país, se dão ao prazer de visitar e estudar os seus monumentos e os seus museus, de modo a ficarem com o conhecimento pleno das riquezas artisticas e historicas que ainda possuímos. O minhoto, o transmontano, o beirão, etc. sabem, quando muito, o que em tal materia existe na sua provincia, ignorando, em geral, o que se encontra nas outras, não só pelas dificuldades que tem para se deslocar, mas porque ninguem se deu ainda ao cuidado de chamar a sua atenção para as obras de arte que o rodeiam.

Ora, nada melhor que o cinema para levar a toda a parte o conhecimento exacto dessas preciosidades.

Vejamos os monumentos, por exemplo, os velhos tumulos que a fé ergueu e o genio revestiu de maravilhas, e os castelos gloriosos, construídos entre duas batalhas e que durante seculos foram as sentinelas vigilantes opostas às arrancadas dos inimigos.

Poderia o Estado por intermédio dos Serviços Cinematográficos do Exercito e sob a orientação de pessoas competentes, preparar alguns filmes preciosos sobre os Jeronimos, a Batalha, os templos de Evora, do Porto e de Coimbra, as igrejas romanicas do norte do país, os mosteiros de Alcobaca e de Mafra, e tantas, tantas outras relíquias artisticas do passado.

Que filme admiravel se faria com as velhas Sés de Lisboa, do Porto, de Coimbra, de Viseu, de Evora e de Braga, ou com os tumulos de reis, principes e fidalgos, que existem de norte a sul do país, atestando nos seus formosos rendilhados e nas suas estatuas jacentes o genio dos artistas que os conceberam e a grandeza e a gloria daqueles que ali dormem o seu ultimo sono!

Os castelos são, igualmente, em grandissimo numero — a principiar nessa formosissima Torre de Belem, e seguindo pelos de Almourol, Obidos, Feira, Leiria, Tomar, Ourem, Guimarães, Montalegre, Bragança, Sabugal, Celorico da Beira, etc., podendo estender-se ainda até Marrocos, numa série infindavel de heroicidades e de glorias.

Esses filmes seriam espalhados por todo o país, por intermedio dos inspectores escolares, acompanhados de pequenas monografias sobre cada um dos monumentos, a fim de que os professores primários das mais reconditas aldeias pudessem exhibi-los e explicá-los aos seus alunos e a todos os habitantes do lugar, em sessões sucessivas.

Os beneficios que daí poderiam advir para a educação do povo seriam, em nosso entender, enormes, mais proveitosos do que os de qualquer outro meio de propaganda. E as despesas a realizar seriam, como se calcula, minimas, em face do proveito colhido.

Aí fica o alvitre, na doce esperanza de que alguem venha a utilizá-lo.

M. S.

Hollywood.

FILM

Dolores del Rio viaja...

Dolores del Rio ao deixar «Cinelandia» para uma estada na Europa de seis meses a um ano fez-se acompanhar dum verdadeiro estado maior. Sua mãe o seu «manager» Edwin Carew, Mrs. Assunsulo, um sequito de reclamistas e vinte malas de viagem! Estas vinte malas querem dizer muito. Dolores vai primeiro a Paris e por isso quere, até lá, bater o record da elegancia «en route». Á sua carnação de latina vão bem as combinações de tons exóticos e a sua esbelteza presta-se a milagres de córte. Esta preocupação de del Rio pelo «chic» traz às vezes os seus precalços. Há pouco



fez ela criar cabelos brancos ao seu director. Tratava-se dum filme cuja acção decorria durante o periodo da busca do ouro em Dawson City e Klondique, portanto as toilettes deviam quedar-se ainda pelas «mangas de presunto» e turbantes em bico. Dolores, não quiz deixar a sua indumentaria «dernier cri» e filmou com uma toilette do Paquin e um chapelinho da Marson... Arrelias, um quilometro de pelicula estragada, nervos e por fim a vitoria do director...

Agora que ela veiu até cá «Gelatine-land» fica aguardando a nova do seu casamento com Edwin Carew logo que os respectivos divorcios mexicanos chegarem a bom termo. E diz-se que é para muito tempo esta sociedade coujugal.

De volta ao lar

Carol Dempster que ficou ferida num desastre de automover apresenta um gilvaz na face.

Essa que durante alguns anos foi es-



trela de primeira grandesa está na disposição de não voltar ao «ecran», preferindo á gloria dos films a sua casinha de Los Angeles. Não é o gilvaz que a arreda das telas. Está farta, diz ela, de nunca poder realizar como sente e quere os personagens que lhe impõem. Só conseguiu interessar-se verdadeiramente pelos papeis enquanto trabalhou com o seu primeiro director.

Richard Dix casará?

Dizem em Hollywood que Richard Dix é hoje o homem mais difícil de encontrar. Fechou a sua casa e alugou os quartos. Mora ninguem sabe onde a não ser o seu secretario.

Parece firme no seu proposito de fi-



car celibatario apesar de já se ter afirmado que Lois Wilson seria a preferida numa escolha possível.

Lois Wilson é a grande amiga de Richard e foi sua assidua enfermeira numa doença grave, mas daí a um casamento vai uma distancia que a boa vontade dos conselheiros não logra vencer.

Como é Hollywood?

— Miss Torster—londrina loura e joven—regresou há dias de uma visita a Hollywood, visita de viajante curiosa e inteligente; alguem perguntava-lhe ontem:

— Que tal a cidade do filme? Feia, inestética, não é verdade? com os seus casarões, o seu progresso, a sua actividade super-civilisada! Eu faço ideia! a máquina destronando a natureza...

Um riso desfiando se em ironias interrompeu o ditrambo.

— Engana-se redondamente! Hollywood é bonita. Hollywood tem beleza. Hollywood é engraçada. — E com um forte sutaque londrino:—Hollywood tem



natureza, tem arvores, ribeiros, lagos, bosques, montes... Quasi toda a gente, ao evocar a capital do filme, logo imagina uma terra sem viço, toda aridez, plantada de formidáveis barracões. É um erro, que as próprias necessidades de criação dos modernos filmes facilmente vem desmentir. Ora diga-me: Hoje, metade da cinematografia não pede como scenario a natureza?

É certo.

— Pois na pátria do filme a Natureza é portanto necessaria. Por isso, a par dos enormes studios onde se «fabricam» as fitas, encontram se os fundos naturais constituídos pelos montes, pela planicie, pelos bosques, pela floresta. Há regiões duma vegetação luxuriante; jar-

dins de maravilha onde, em lagos transparentes, as «estrelas» — pela manhã muito cedo e ao declinar do sol — vão tomar o seu banho, nadar, fazer um treino de remos em canoas leves, pintadas à maneira das pirogas dos peles vermelhas. E quando, nesses jardins encantados surge dentro os bosques salpicados de variegadas flores um rancho de belas raparigas dançando como tãngras soltas dum frêco antigo, a nossa supre-

ponentes: são os dos bancos; e aqui e além, frequentes, os terrenos de jogo de *tennis*, balão, parques para automóveis onde milhares de carros se empilham — verdadeiras «pechinhas» á espera de comprador. — Abrigos para os automóveis surgem cada passo. E, contrastando-se por suas architecturas diversas, elevam-se, numerosos, templos de todos os cultos: presbiterianos, metodistas, bätistas, cientistas... Ha emfim os ci-



sa é grande e o efeito é de arte, — mas uma arte sã, não procurada, real...

— E a cidade, que tal, *miss*?

— Grande, clara, alegre. Olhe: ha «boulevards» tão sorridentes que estive para comprar lá uma casa para mim! A avenida maior e a mais frequentada chama-se *Hollywood's Boulevard*: conta vinte quilómetros de comprimento. Percorrendo-a no carro electrico ou de automovel vê-se durante horas desfilar de cada lado encantadoras casas, mais ou menos parecidas umas com as outras, tendo cada uma o seu *bungalow* florido.

Todas essa casas — alegres moradias — são cercadas por jardins bem cuidados, onde flores exóticas perfumam o ar, e nos quaes se vê a vossa laranjeira, o limoeiro, palmeiras de uoces tâmaras e mil outras aivores de países quentes.

O clima de Hollywood, excepcionalmente favoravel, facilita a cultura mais rica. O céu nessa terra é quasi sempre azul dum proiundo azul sem nùvem... não tão belo como o de Portugal, mas quasi. Vez em quando, surgem séries de lojas de um só andar, e os restaurantes e as famosas «drugstores» — farmacias onde se tornece, a par das drogas, os refrescos! Ha tambem predios mais im-

nemas, — porque, se em Hollywood se fabricam inúmeras fitas, tambem é de moda lá, ir ao cinema...

— E agora, concluiu a loura *miss*, vão sendo horas do meu jantar. Quando quiser ouvir mais das impressões que eu trouxe de Hollywood, diga você. Estou no Avenida Palace e recebo às 4.45 feiras...

A Europa espreita

De vez em quando a Europa curiosa vai espreitar as praias de Cinelandia. As estrelas que por aí gravitam fogem espavoridas. Aquilo maça-as. Querem



usar em liberdade e longe das vistas do velho mundo as unhas dos seus pés e os seus calcanhares esmaltados de vermelho pelo ultimo figurino que lembra os usos do velho Egipto.

O urso de John Gilbert

Em Hollywood há uma variedade exótica de animais favoritos dos vários artistas. Uns adoram os periquitos, outros os tamanduás, lagartos, etc. Mas o mais raro de todos é um pequenino urso australiano que John Gilbert mandou buscar para completar a colecção da sua «menagerie» que ele mandou edificar no alto duma das mais elevadas colinas de Hollywood. O pequenino animal pesa apenas 9 quilos e é de uma afabilidade única.

A calma enervadora de Eva von Berne

A interessante artista vienense Eva von Berne teve, finalmente, entrada no filme «The Mask of the Devil», da Metro Goldwyn-Mayer, secundando o formidável John Gilbert. Como o seu primeiro encontro com o artista deveria deixá-la nervosa, segundo as necessidades do entrecho, a actriz via, de facto, pela primeira vez, o actor que com ela contrascenava. O semblante correcto de John Gilbert faria o resto. Pois a gentil Eva, em vez de patentear um natural nervosismo, mostrou-se muito senhora de si, cheia de calma e naturalidade. O director de scena Victor Seastrom arreliado gritava à impassivel neófito:

— Faça-se nervosa, atralhe-se, mostre-se enervada...

— Mas se eu estou à vontade — dizia a Eva sorridente e cada vez mais calma.

— Pois, então, finja... finja de maneira que não se perceba... rugiu o director no auge do desespero.

A semana de férias de Renée Adorée

Renée Adorée, que está criando maravilhas nos «studios» da Metro-Goldwyn-Mayer, conseguiu uma semana de férias, após a filmagem do seu ultimo trabalho «The Tide of Empire».

Tomando essa concessão como um exemplo, várias artistas solicitaram um período de férias tambem, não tendo sido atendidas. Como esta resolução desse margem a comentários amargos, o director fez sentir às reclamantes que lhes daria, não uma semana mas um mês de licença, após um trabalho tão exaustivo e perfeito como o realizado pela adorável Renée no seu último filme.

E' claro que as referidas artistas não tinham méritos para competir com a estrela citada...

Vida Portuguesa

No nosso numero anterior referimo-nos a uma companhia espanhola, de Barcelona, que vinha fazendo inserir, nos jornais diarios, diversos anuncios dizendo que filmaria em Portugal e que pediam a colaboração das pessoas que tal desejassem fazer.

A's pessoas que responderam foi-lhes enviada uma carta e um impresso, que deviam preencher e enviar para Barcelona acompanhados de 20\$00... para despesas de preparação. Mais ainda: a cada interessado pedia-se o obsequio de distribuir pelos amigos e conhecidos mais seis impressos semelhantes.

O leitor deduza o que entender. Nós limitamo-nos a avisar os incautos.

«Fatima Milagrosa» continua obtendo na provincia um invulgar sucesso. Sabemos que estão marcadas todas as datas até ao fim do corrente ano para a sua exhibição nos cinemas dos mais diferentes pontos do país.

CINE não pode deixar de lavar o seu protesto pelo facto de haver portugueses, que, numa ganancia criminosa, pretendem colocar em terras de Santa Cruz, as ultimas produções portuguesas.

E' bom não esquecer que os brasileiros veem do melhor cinema do mundo e são, por isso, exigentissimos.

Os portugueses que por lá fa-

zem vida são muitos, mas os brasileiros, são incomparavelmente muitissimo mais numerosos e para vergonha já bastam os filmes portugueses que, no Brasil, se tem exhibido.

Apesar de esperado com grande ansiedade, ainda não foi promulgado o diploma de protecção á industria portuguesa do filme.

Até agora sabe-se que dos filmes de Janet Gaynor, só a «Aurora» se exhibirá na actual época.

No entanto, é provavel que «O anjo da rua» e «Quatro Diabos» que ainda não estão em Portugal, sejam adquiridos a tempo de serem exhibidos este ano.

Parte impreterivelmente para Africa, por todo este mês, a Brigada Cine-Portuguesa da qual é director tecnico o operador João Fernandes Thomás.

No proximo mês de Novembro apparecerá, em Lisboa, um semanário cinematografico. Oportunamente informaremos os nossos leitores da orientação e características do novo jornal.

Luis de Freitas Branco dirigirá, na época própria, um núcleo de músicos que, no Tivoli, executa-

rá, aos sábados, concertos sinfonicos.

O nosso querido camarada Augusto Pinto publicará no proximo numero da «Cine» um artigo sensacional patenteando as impressões colhidas no coração da Ufa que minuciosamente visitou. Folgamos em dar esta agradável noticia aos nossos leitores que, como sempre, vão deliciar-se na prosa vibrante e sugestiva do nosso brilhante camarada de redacção.

Gomes Monteiro

A partir deste numero assume a direcção desta revista o brilhante escritor e jornalista sr. Gomes Monteiro. A sua colaboração na «Cine», distinguiu-se sempre, pela novidade e interesse, e por isso o seu nome se impoz desde logo para o desempenho do cargo que agora, por direito de conquista, e, estamos certos, com agrado de todos os leitores, vai desempenhar.

Mocidade vibrante, Gomes Monteiro vai imprimir á revista, cuja direcção lhe foi entregue, uma orientação moderna, inteiramente conforme com o desenvolvimento que a cinematografia está tomando no nosso país. Amaral Frazão ao entregar-lhe o futuro da «Cine» que ele com tanto amor e carinho fundou e desenvolveu, fe-lo certo de que encontrava o homem proprio para o lugar proprio.

UMA ESTREIA SENSACIONAL

DUELO

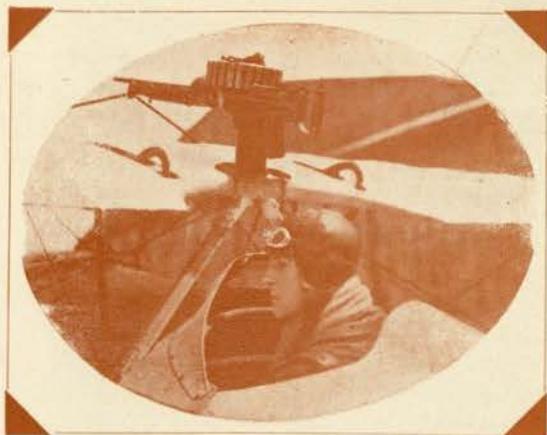
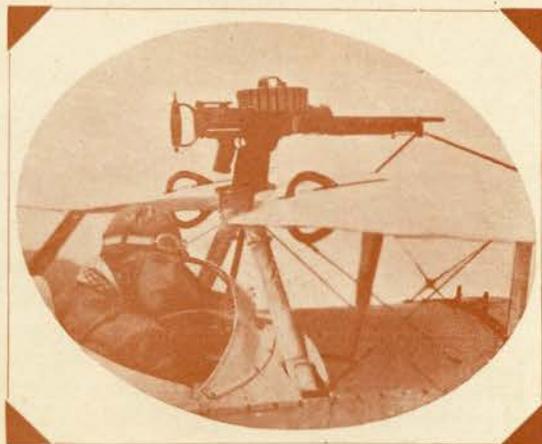
A película « Duelo », que se estreia a dez do actual mês, no S. Luís Cine, é uma das melhores produções de « La Societé des Cinéromans-Films de France ».

O cenário e a mise-en-scene, são de Jacques Baroncelli, o conhecido cineasta francês, que ocupa, entre os realizadores do seu país, um lugar de merecido destaque. Pelo entretcho de « Duelo » se pode imaginar da inspiração fecunda de Baroncelli.

A senhora Debresle, mulher do grande contrutor de aviões, suicidou-se porque Jean Peyrane, aviador célebre, rompera as relações íntimas que mantinha com ela.

Debresle, pouco tempo depois, por uma carta que encontrou na mala de mão de sua esposa, soube da causa que motivou o seu fim trágico.

Peyrane vai realizar um raid de avião à volta do mundo e, na primeira etapa, em Biskra, espera-o Mary, sua amiga de infância, que vem da América, viuva e... rica. Mary travou conhecimento com um desconhecido a quem uma constante tristeza domina e entre ambos uma forte corrente de simpatia se manifesta. Entretanto, chega Peyrane a Biskra. Mary nada lhe diz do seu novo conhecimento e não tem com o aviador a intimidade que êste esperava, porque sabia da razão do suicídio da senhora Debresle, que já era do domínio público.



Tendo adoecido o mecânico que acompanhava no raid Peyrane, o desconhecido ofereceu-se para o substituir. A viagem aérea continua com o novo mecânico e, sobre o deserto, o avião ouve a voz imperiosa do mecânico que o manda aterrar, acompanhando a ordem com um argumento de pêso: um revólver. Desceu. O desconhecido dá-se a conhecer. Era Debresle, o marido ultrajado, que propôs reparação: partirem ambos em direcções opostas até ao infinito do deserto. Isto tanto pode ser a morte como a salvação, a sorte decidirá. Assim fazem.

Debresle regressa a Paris. Do avião nada se sabe e a polícia investiga do seu paradeiro.

Debresle e Marv cultivam a sua amizade.

Peyrane, que tinha sido aprisionado no deserto pelos « Tuaregs », depois de pago o seu resgate, dirige-se a Paris e sabendo das relações amistosas do construtor de aviões com Mary, resolve pedir àquele explicações. O *duelo* consiste em subirem cada um no seu aparelho e, lá em cima, com as metralhadoras dos aviões fazerem fogo até um cair. Partem para o campo de aviação e sobem.

Mary, sabe da ocorrência e, a tóda a pressa, dirige-se para o campo. Impotente, assiste ao original duelo e sofre angustiadamente pela sorte dum dos concorrentes: — Debresle. De repente, um aparelho cai e despedaça se no solo. O outro avião desce e de dentro dele sai Debresle a quem Mary, numa alegria indómíta, abraça. Êste, olhando para os destroços do aparelho de Peyrane, descobrindo-se, exclama:

— Inclíneo-nos. êle foi valente e leal

O difícil papel de Debresle é desempenhado por Gabriel Gabrio, o grande artista francês. Jean Peyrane encontrou em Jean Murat a melhor encarnação. Mady Christians, a linda artista que tanto admiramos, é a doce Mary.

como nas fitas....

ORA isto que vamos contar é verdade. Passou-se na vida como nas fitas e... na fita como na vida.

Agosto de há três anos. Sol da canícula a tinar as peles e a lembrar as ondas. Deauville regorgita de encalmados, entre eles um tal Jean Grasset, caixa do senhor Benoit, industrial pacato que não deixou Paris nem o seu cacifo estreitinho da rua du Bac. Não que os negócios correm morosos e difíceis e a vida da praia é para os outros, os ricos...

Na praia elegante vai um borborinho doido. Vida turbulenta, elegante e cara que tenta Jean Grasset mas que assustaria o senhor Benoit...

As grandes revistas tinham mandado lá os seus reporters, a Pathé e a Metro, os seus operadores. A história começa no momento em que um dêstes enrista a máquina sôbre a esplanada dum grande restaurante. São duas horas. Há nuvens brancas, a luz é boa. Não há que escolher. O ponto mais interessante da explanada a focar é êsse onde, sob o toldo riscado, duas mundanas quási nûas almoçam com um rapaz louro, num á vontade cosmopolita. Todos três debicam manjares finos. A mesa está bem guardada e artelhada de garrafas esguias de Sauterne e e Saint Estephe. Ao lado, num tamborete, no balde de prata, cabeceia o Champagne a gelar.

As raparigas vêem a manivela pôr-se em andamento e erguem os copos, o rapaz abraça-as, cinje-as pelas cinturas. O operador teve sorte. Foi compreendido. Não há de faltar a nota alegre ao Pathe-Journal...

Segunda parte.

O senhor Benoit aborrece-se no cacifo do armazem. A mulher e a filha foram passar uns dias á Touraine em casa da familia

O jantar no restaurante enjoa-o. Não gosta daqueles molhos... A volta para casa onde só pode falar com a sogra, uma normanda velha quasi surda, dispõe-o mal.

O Senhor Benoit pensa numa extravagancia... Então, e se o fizesse? Não trabalha ele o ano inteiro para ter ao canto do bahu uns patacos lustro-

sos? De palito nos dentes a ruminar a ideia entrou no boulevard. Os cartazes tentavam; havia rostos congestionados, uma mulher desmaiada, um cavalo a fugir sem cavaleiro... Benoit sentou-se difinitivamente e disse com os seus botões:

Que diabo, vamos até ao cinema...

E foi — Pathé Journal — Uma entrevista do ministro — O desastre ferro-viário — Uma benção de bandeiras e por fim as praias.

Biarritz — Trouville — Tréport — Deauville... O que é aquilo?! ..

O senhor Benoit pula. Sobe-lhe o sangue á cabeça. O que é aquilo?! O Grasset?! Com duas mulheres! Em Deauville? Com licença, meus senhores, com licença.

Pede licença, empurra, empurra e acha-se na rua a caminho do escritório.

A luz salta no globo resguardado pelo abat-jour verde. O senhor Benoit senta-se á secretária.

Abre livros, confere, soma, diminui, divide, desconfia, súa, e por fim descobre! Cá está o gato!... Eu te darei as mulheres e o Champahne meu maroto! Cinquenta mil já eu achei... Eu te darei Deauville.

Terceira parte.

Outra vez Deauville.

Outra explanada de outro restaurante. Nenhuma mulher e o Jean Grasset. Almoço fino.

Ostras de Portugal e Bordéus branco Um hors-d'œuvre complicado.

— E' o senhor Jean Grasset?

— Eu mesmo.

— Faça favor de me acompanhar a pedido daquele senhor...

Mais longe espreita o vulto gordo do senhor Benoit.

Jean Grasset empalidece e levanta se.

Quarta parte.

O comboio. A cadeia. O julgamento e talvez no Pathé-Journal uma leva de condenados e o porto de Toulon na cinza dum tarde baça.

C. de M.



LOUISE BROOKS

A bela artista da Paramount, protagonista do filme
AMÁ-LAS E DEIXÁ-LAS



Duas cenas do filme «Capas Negras» exibido em Paris. — Um interior e um trecho duma paisagem coimbrã.

Coimbra em Paris

Paris, 20 de Setembro

A empresa concessionária *Les films célèbres* apresentou ontem na sala do teatro Apollo a uma assistência numerosíssima de directores, empresários, críticos e artistas o filme *Les Capes noires*, realizado pela *Esa* (Europe Sud Amerique Film), que não é um filme célebre, por que é um novo filme, mas que pode muito bem ser um filme célebre amanhã. Da *mise-en-scène* dessa obra, cuja responsabilidade pertence a um dos seus intérpretes, o sr. G. Dini, só há que dizer bem. Um belo movimento, algumas *trouvailles* felizes uma tecnica segura, sem extravagancias nem hesitações. Quanto ao cenário...

Les Capes noires, os «capas negras», são os estudantes da Universidade de Coimbra. O autor imaginou um episódio passado nas margens do Mondego na época das lutas liberais. A atmosfera de luta permite os belos movimentos de *ensemble* e as scenas de efeito, como a da tomada e do incêndio duma fortaleza. Mas a briga política é o pano de fundo diante do qual se desenrola uma história de amor. Há ali um intendente da policia género barão Scarpia, a dedicação amorosa duma humilde filha do povo por um estudante nobre (que termina pelo casamento, como é de tradição), uma dona Luísa, prima e vítima do intendente miguelista, etc., etc.

Não lhes conto por meúdo o enredo, na impossibilidade de lhes oferecer qualquer coisa de bem original que, sob esta forma, possa seduzir a atenção do leitor.

Porque o que mais vale nesse filme é, além do pitoresco de certas scenas coimbrãs, o cenário incomparável. É o doce encanto dessa paisagem de Coimbra, que fazia ontem exclamar aos espectadores do Apollo: — *Ah! le beau pays!* — E isso diz qual é aos nossos olhos o principal mérito desse filme: o de servir a causa da propaganda turística de Portugal no estrangeiro que, como todos os géneros de propaganda de Portugal no estrangeiro, tem grande necessidade de bons serviços e de inteligentes servidores.

Acrescentarei que o filme foi realizado com o concurso dum operador e de intérpretes excelentes. Estes últimos são madames Régine Bouet (que faz uma portuguezinha adorável) e Nilda Duplessy, e os srs. Jorge Infante, G. Dini e Charles Sov.

Acrescentarei ainda que *Les Capes noires* encontrou ontem mesmo os primeiros compradores — um belga e um alemão; e, finalmente, que toda a *troupe* que nêle figura trouxe dos estudantes de Coimbra — *les étudiants les plus charmants du monde* — as mais lisongeiros impressões.

PAULO OSORIO

A «vampiro» ou «mulher fatal» não é uma criação da arte muda. Vem de longe. É uma neta burguesa da Maelhbelts de Schakespeare e uma filha sintética de todas aquelas ruínas criaturas que estragavam vidas, envenenavam gente e roubavam crianças nos romances da Montepin, de Richebourg, de Hugo e de Ponson du Terrail. No cinema, a «vamp» apenas remocou. Não é a «Machaume» engilhada nem a Thénardier careca e quasi vesga. A mulher fatal dos nossos dias emprega a beleza como arma de ruindade. Os olhos suprem o veneno e o airoso das formas dispensa-lhe a cumplicidade dum taberneiro de maus figados ou dum agiota de coração empedernido.

A «van p» flexuosa e moderna escavaca um edílio e desfaz um lar com um simples golpe de vista e o decote generoso dum vestido de baile. Aquilo é dito e feito....

Apesar disso as revistas da especialidade vêm



GRETA GARBO

As Mulheres Fatais do Cinema

de há muito acoimando a vampira de pouco inteligente e de monotona nos seus processos de mal-fazer. Ora vamos lá defender as pobres «vamps», optimas raparigas, todas elas, no cantinho particular do seu «home».

O papel da «vamp» é monotono e estúpido porque a rubrica não exige mais

Ao literato que adaptou ou escreveu o argumento da película cabe a responsabilidade de tal deficiência; mas se este não espiritualiza mais a ruindade da personagem ao público, só ao público podem caber responsabilidades do facto.

A maioria das plateias é formada por gente pacata. inimiga de grandes cavilações, gente que já jantou e faz tranquilamente a digestão de coisas simples. Estas pessoas exigem, mal lêem na tela a legenda preventiva: «Marta é uma rapariga de maus instintos», ficam sabendo que a tal Marta é pessima e dela há todo o mal a esperar, por isso Marta não tem de ser muito subtil para desgraçar a ingenua, ou arruinar o filho do milionário. Se tiver os olhos fechados, a plateia diz «que sonsa». — Se os tiver abertos «que malvada» — e assim sucessivamente. E o público, esse público, gosta da «vamp», pela-se por ela.

Certo empregado que trabalha dez horas por dia e tres por noite durante a semana para poder levar a mulher ao cine no domingo, pensa, mal surge na tela a mulher fatal, em ter na sua vida pacata um romancezinho assim. Uma «vamp», tão

bonita como a da película que o vampirizasse, que o desgraçasse, que lhe mentisse...

Ai da película onde só houvesse lares tranquilos e namorados felizes! O segredo de tudo isto está na maldade da «vamp». É ela que dá motivo e valor às dedicações sobrenaturais do galan, às lagrimas tristes da ingenua, ao perdão condescendente do Pai banqueiro. Sem ela, sem a perversidade dela não triunfava a moral porque não tinha havido combate e... adeus interesse, adeus comoção, adeus bilheteira...

Que o papel de vampiro é monotono elas proprias a confessam... elas também o dizem. o publica manda.

Arlette Marschall, por exemplo, escreveu algures: «As plateias americanas só admitem «ingenuas puras» e «vampiros». Não há filme completo sem mulher fatal, e nenhuma «vamp» será apreciada se não souber mentir descaradamente e queimar muitos cigarros...

O vilão da tela vem progredindo, o seu tipo é cada vez mais segundo a vida. A vampiro, pelo contrário é ainda igual às primeiras, quando, afinal de contas, na vida a heroína de hoje é a vampiro de amanhã e vice-versa...

Estelle Taylor, a extraordinária vampiro de «D. Juan» ilucida-nos dizendo que a respeito de «vampirismo», estamos em vespas de grandes mutações. A minha «Lucrecia» do «D Juan», agradeu justamente por sair dos moldes antigos.

Gertrude Astor embirra com a estupidez emprestada pela rubrica à vampiro e clama: «Uma mulher ignorante não sabe fazer naufragar um lar. Todas as tentadoras desde Eva até hoje foram sempre mulheres inteligentes, mais inteligentes do que os seduzidos... E sabem o que ela acrescenta? «Porque não temos tipos de vamps mais humanos? Por isto apenas: porque o tipo aceito e consagrado pelo público é a encarnação da alma dum gato no corpo duma mulher bonita...

Lilian Thasman está contente com o modelo adoptado para as mulheres fatais — tenho sido vampiro e ingénua, diz ela, mas, confesso. trabalho mais e de melhor vontade como pessoa ruim do que como ingénua.

Os homens gostam mais da «vamp», preferem a sedução à bondade, a beleza à virtude... De tudo isto

se infere por tanto que o que falta á «vampiro» é humanidade, é realidade, é realismo. A «vamp», sendo má, deveria ser pior para ser mais verdadeira, mais humana e mais real. Elas, que são mulheres, sofrem da pobreza de artifício de maldade que o argumento lhes destina. Acham pouco. acham transparente, quasi infantil, por vezes... Mas a verdade é que se elas assim não fôssem a moral não triunfava como acima dissemos e o público saía do espectáculo mal ferido na sua virtude particular. naquele recesso de bondade que está entreaberto depois de jantar. As «vamps» que nos perdoem não estamos de acordo com a previsão de Estelle Taylor. Ainda teremos para muitos anos e bons a mulher fatal fundida nos moldes de hoje, como ainda por muitos anos há de haver fogareiros de coque botas de elástico, candeeiros de petroleo, cartas de namoro e aneis de cabelo. Nosso Senhor nos livre a todos das «vamps» de carne e osso que das de celuloide nos livramos nós sem a graça de Deus...

LYA
DE
PUTTI



Uma bateria de operadores esperando um avião

DESNECESSÁRIO se torna encarecer o papel que o operador desempenha na difícil tarefa da confecção de filmes, porque todos sabem pelo menos duma forma racional, a importância das suas funções. Basta dizer que da fotografia depende, muitas vezes, a boa ou má aceitação de qual quer película.

Para tratar convenientemente do assunto que justifica o título deste artigo, é mister dizer algo que se relacione com a aparelhagem que o operador emprega no seu *métier*. Evidentemente que não vamos desenvolver este capítulo porque para tal não chegaria todo o espaço da *Cine*. Limitar-nos-hemos a uns princípios rudimentares que julgamos de fácil compreensão.

O operador emprega, geralmente, máquinas de tomada de vistas da marca ou marcas da sua preferência.

As máquinas variam muito de peso. As mais pesadas, chamadas de estúdio, funcionam montadas num tripé e utilizam-se, por via de regra, na filmagem de interiores. As mais leves—quinamos e *interviews*—empregam-se em qualquer local e dispensam tripé porque são seguras, pelas mãos, num cabo, ou apoiadas, por detrás, no ombro direito e seguras, pela frente, com as mãos.

As máquinas de estúdio carregam *chassis* de 120 metros, e as outras de 25, 30 e 60 metros. Enquanto que, nas de estúdio, o filme virgem negativo se desloca pelo movimento de certas engrenagens accionadas por uma manivela, nas leves o mesmo resultado é obtido pela energia eléctrica dum acumulador portátil ou por meio de corda.

OS OBREIROS DO CINEMA

O OPERADOR

POR MARIO PIRES

A quasi totalidade das máquinas de tomada de vistas possui um jogo de objectivas de diferente aplicação. Umas têm a propriedade de dominarem mais ou menos o *campo*, variando portanto de *distância focal* ou de *ângulo*, como usualmente se diz. Outras têm a propriedade de serem mais ou menos *luminosas*, variando portanto de *abertura*. O emprego das primeiras depende da posição da máquina em relação ao objecto a filmar ou das dimensões deste, e as segundas utilizam-se segundo a intensidade de luz que existe no local.

Quando em filmagem, duas operações cuidadosas o operador executa: *meter em campo* e *focar*. *Meter em campo* é a expressão usual que se emprega como denominação do acto de enquadrar na objectiva o local onde a acção filmica vai decorrer. Esta operação é relativamente fácil, mas requiere, contudo, habilidade e bastante gosto.

Chama-se *focagem* ao acto de regular a objectiva para determinada distância. Exemplifiquemos. Deseja-se filmar um primeiro plano e suponha-se



A deslocação dum par que dança é seguida pelo operador e respectivo *quinamo*

que a objectiva que se emprega é a de uso universal (50^{mm} de foco e de 3.5 de abertura). O operador coloca a máquina a uma distancia de três metros aproximadamente da pessoa ou objecto do qual se deseja o plano citado e, depois disto feito, regula a objectiva para dar a maior nitidez possível. Um filme resultará tanto mais nitido quanto mais correctas sejam as *focagens* e as *diafragmações*. Outro exemplo: A filmagem dum exterior, numa hora em que há muito sol, evidentemente que se fosse feita com o obturador a toda a abertura, o filme ficaria com os contrastes muito violentos, ou seja o que se chama *duro, cru*. Neste caso deve-se regular a entrada de luz de forma que o filme fique impressionado como deve—duma forma natural.

A *obturação* deriva da velocidade (em tempo) a que o filme é impressionado. É uma questão de manivela, portanto.

As citadas, são as operações que o operador emprega em todas as filmagens vulgares que são, afinal, a grande maioria. Do seu habil emprego resulta a boa fotografia.

Vamos a outros assuntos que ao operador dizem respeito.

Havendo, em qualquer película, de se obter a



Filmagem dum detalhe. A curta distancia da maquina indica que se está fazendo um *gros-plan*



Enquanto o artista executa o ultimo ensaio o operador espera...

filmagem de scenas por métodos fora do usual, deve o operador ter os devidos conhecimentos para as poder executar. Estas filmagens podem dividir-se em dois ramos: as que dependem só de máquina e as que utilizam *trucs* de laboratorio. Os *Travelling-cameras* e os *caches*, por exemplo pertencem ao primeiro grupo; as duplas impressões e as terceiras impressões por, exemplo pertencem ao segundo grupo.

A descrição destas filmagens resultaria longa e fastidiosa. Vamos antes descrever a execução de alguns trabalhos simples que o leitor decerto desconhece.

Frequentemente se vê, no cinema, um par que dança e, embora se desloque bastante, é sempre projectado a meio da tela. Para se obter este resultado, o operador, ao filmar a scena, acompanha o par com um *quinamo* como uma gravura mostra.

O leitor viu já, na tela, liões, tigres e outros bichos ferozes, em plena selva africana. Torna-se notório que o operador não os vai filmar em local que ofereça perigo. Neste caso emprega-se a objectiva ou tele-tubo que é uma objectiva de grande distancia focal ou de pequeníssimo ângulo e que domina o campo a uma distancia de algumas centenas de metros. Se a máquina tiver comando eléctrico ainda o operador se pode afastar para um local distante e daí verificar a chegada dos animais com um oculo de grande alcance ou um binoculo e, nesse momento, pôr a máquina a funcionar.

E de tantas outras coisas podíamos falar, mas o espaço tal não permite. Fica para as outras vezes. A pouco e pouco...

(1) Não nos referimos á revelação e positivação porque actualmente estas operações não estão a cargo dos operadores.

RUDOLFO VALENTINO foi talvez o actor cinematográfico mais bafejado pela sorte durante os curtos anos do seu reinado artístico. E também o mais desgraçado de todos.

Ninguém como ele foi mais amado pelas mulheres formosas de todo o mundo, tendo sido incomensurável o desespero que a sua morte despertou nos corações femininos. Rudolfo era o querido das mulheres, mas apenas daquelas que o não chegaram a conhecer em pessoa. Uma vez, frente a frente, o encanto esvaía-se e a sonhada vida amorosa, cheia de ternuras e arroubos, transformava-se num verdadeiro martírio. Nascido na cidade de Napoles, por ali se criou «ao deus dará», sem ter conhecido os carinhos paternos. Sua mãe, senhora poupada e previdente, conse-



RUDOLFO no «Pecador Divino»

guira arrancar às suas dificuldades diárias algumas liras que depois empregou na compra duma gondola. Seu filho iria para Veneza conduzir passageiros através dos canais. Um dia, transportou uma senhora, altiva como uma rainha e formosa como uma deusa. Desejou ir à Ponte dos Suspiros. Se a misteriosa dama despertou uma funda impressão na mente esbrazeada do esbelto gondoleiro, este conseguiu atraír alguns olhares cheios de interesse e ternura. A formosa desconhecida voltou mais vezes e, nas longas digressões de gondola, trocaram confidencias e filigranaram ilusões. Não seria por certo, um contrassenso que a formosa bailarina Nelly — pois assim se chamava a ilustre incógnita — se apaixonasse por esse napolitano de olhos sonhadores.

Juntaram-se em parilha artística que ficou sendo conhecida pela designação de «Nelly and Rudolf» e foram a correr mundo, deslumbrando as grandes cidades como Paris, Londres, Viena, Varsovia, Berlim, Nova York e outras. Cada um dos artistas tinha, como é natural, os seus admiradores que enviavam corbelhas de flores, joias custosas e scintilantes e até bilhetinhos perfumados pedindo entrevistas. Surgiram os ciúmes de parte a parte... e cada um, após uma scena violenta, foi para seu lado.

Novamente só, Rudolfo procurou embriagar-se nos grandes prazeres parisienses para esquecer aquela que o tinha iniciado numa vida de fausto e lhe tinha arrebatado duma vez para sempre, e flôr doirada da sua ilusão de gondoleiro romântico.

Um dia, tomou uma resolução. Há muito tempo que sonhava com o Far West sem se atrever a ir ao seu encontro. A vida dos «cow-boys» fascinava-o e poderia ser, naquele momento, a salvação. Sem se despedir de ninguém, tomou o comboio para Bordéus e dali embarcou com rumo à América. A vida aventureira das selvas encantava-o. Era vigoroso e audaz. Ninguém como ele dominava um cavalo ou se ariscava na perigosa caça ao bufalo. No entanto, não fôra precisamente para isso que obtivera contracto, e acabou por ser despedido...

De repente, recordou-se do «Cabaret House», onde, anos antes, conquistara os mais estrondosos aplausos. Voltaria a ser bailarino. Conseguiu o ordenado de 50 dollars por semana, com alimentação e vestuário. Não era já um mau começo.

A Paixão e Morte

de
RUDOLFO VALENTINO
o querido das mulheres

por **Gomes Monteiro**

Um dia, fez anunciar em vistosos cartazes que dançaria o Tango Argentino tão puro e impecável como se dançava nos pampas donde viera. Foi um verdadeiro sucesso. Quando Rudolfo apareceu no palco com as suas calças de «cowboy», camisa de seda crua, polainas reluzentas, esporas de prata e chapéu cordovês castiço, as ovações atingiram o auge. Foi nessa altura que Rex Ingran o viu e cobiçou para o seu «studio» com o fim de o explorar em «films» portentosos. A pouca experiência de Rudolfo levou-o a assinar um contracto ruinoso que enriquecia a breve trecho, o seu astuto explorador. Entrou no «film» «Os quatro ginetes do Apocalipse» e foi tão extraordinário o êxito que as mais poderosas companhias cinematográficas disputaram a peso de ouro o jovem artista. Só então Rudolfo compreendeu que fizera um mau negócio e pretendeu libertar-se das clausulas que o algemavam. O caso foi para os tribunais, tendo dado que falar ao mundo inteiro.

Os tribunais foram-lhe favoráveis e o artista sonhou então constituir um lar. Casou com uma simpática morena que lhe tinham apresentado como americana e que parecia um manancial inexaurível de ternuras. Era actriz e chamava-se Jean Acker. Pouco tempo durou a sua lua de mel. Surgiram as questões, chegando a afirmar-se que Rudolfo batera tão cruelmente na sua esposa que lhe fizera inchar a cara. O divórcio foi moroso no seu minucioso litígio. Por fim, Rudolfo triunfou, mais uma vez perante os tribunais, esquivando-se até a dar alimentação à mulher que deixara de lhe pertencer.

Tempos depois, deparou com a famosa bailarina Natacha Rambova e logo sonhou fazê-la sua esposa.



No «Sangre y Arena»

O seu sonho realizou-se e o seu lar parecia feliz. Semanas volvidas, deu-se a primeira questão. E «Natacha que fôra a única mulher de quem gostára», segundo a confissão do proprio Rudolfo, tornou-se num suplício atroz. Ainda assim, foi com máguca que o artista recebeu a sentença proclamando o seu novo divórcio!

Na ânsia de esquecer, regressou àquela vida desgraçada que o devia assassinar. No dia 14 de agosto de 1925 sentiu-se enfermo. Escaldava de febre e sentia dores horríveis no abdómen. O médico verificou que o desgraçado mancebo tinha o estomago todo ulcerado, sendo absolutamente necessária uma operação. Nessa altura, o artista amava a artista Pola Negri, com a qual deveria casar meses depois. «Seria a sua última loucura» — dizia ele. Não chegou a ser, porque o mal era de morte. Horas depois delirava. No dia da sua morte, como pretendessem fechar as janelas para maior repouso do enfermo, suplicou na sua voz infantil:

«— Não fechem as persianas... Sinto-me bem... Deixem que o sol me saúde pela última vez!»

Esse artista garboso que tantas paixões despertara queria ser beijado pelo sol bendito que tanto amou nas regiões virentes dos pampas. Sentindo a vida es-

vair-se numa consunção deliciosa. Tentava ainda evoluar-se, em esforço derradeiro, num deslumbramento de luz. Ficariam as mulheres a chorar por ele, idealizando um noivo apaixonado que nunca tinham chegado a possuir. Pobres meninas histericas que não compreendiam que esse belo favorito era tal como o castelo de ventura de que nos fala o Poeta: só poderia oferecer felicidade, quando observado de longe! Sempre que Rudolfo Valentino se aproximava de qualquer mulher, sempre que os seus braços robustos a envolviam, sempre que os seus afagos a empolgavam, surgia logo a desgraça que trazia a desavença, os maus tratos e a separação. O amor de Rudolfo Valentino tinha «jetatura», dava mau agoiro, trazia desgraça!...

Naquela amena tarde de 14 de agosto de 1925, o desventurado artista agonizava.

Reclinado nas almofadas do seu leito — um belo leito oriental que rodeara de todos os confortos maravilhosos de Penjab e Singapura — Rudolfo evocava o seu passado artistico que tão famoso o tornara, bafejado por qualquer genio caprichoso, pródigo e bemfazejo. Lembrou-se desse Armando Duval que tão primorosamente encarnara no filme «Dama das Camélias». Simplesmente, o herói da famosa novela de Alexandre Dumas tivera a ventura de ser amado sinceramente até o fim da vida. Ele, o pobre Rudolfo, não conseguira encontrar nunca a sua Margarida Gauthier... Recordava-se do «Scheick» do «Filho do Cadi» e visionava o seu perfil aureolado por um turbante magnifico reproduzido em milhões de fotografias que mulheres de todo o mundo beijavam em segredo e aconchegavam ao seio.

Revolvia na sua mente a criação que realizara do «Jovem Rajah», rodeada de tantas magnificencias, e via-se ali, agonizante e quasi desprezado como um pobrinho... Criara o protagonista ideal de «O direito de amar» e nunca lhe foram dadas prerrogativas tão amplas como a sua alma doentia sonhara... Fôra o «Pecador divino» e morria, não dum beijo delicioso e envenenado duns lábios encantadores, mas dum prosaica inflamação de pleura, seguida de pneumonia e endocardite... Triste destino o seu!

Fôra «Moran, o marinheiro», e, sendo rico nesse momento, não fruira as venturas do seu tempo de misero gondoleiro em Veneza, em que por uns cobres exiguos conduzia mulheres formosas á Ponte dos Suspiros.

Amara, ou melhor, tentara amar com efusão e delirio... Mas o seu amor tinha mau agoiro, trazia sempre desgraça! E, então, dissera quando pretendiam fechar as janelas do seu quarto:

«— Não fechem as persianas... Sinto-me bem... Deixem que o sol me saude pela última vez!»

E o sol entrou a jorros, nimbando a face torturada do agonizante. Fôra talvez o primeiro beijo sincero que recebera em toda a sua vida!

A' cabeceira encontrava-se uma mulher soluçando. Era Jean Acker, a primeira mulher do moribundo. Naquele momento supremo, e quando já nada esperava, quiz mostrar o muito que amava ainda aquele que a expulsára do lar conjugal.

Pouco depois, chegava Pola Negri. Rudolfo Valentino expirou d'ali a momentos, balbuciando o seu nome adorado.

E' este um dos maiores orgulhos da grande artista...

Assim morreu Rudolfo Valentino, o querido das mulheres. Quando os médicos se apresentaram para embalsamar o cadáver tiveram de pedir um retrato que servisse de modelo nas operações a fazer. E' que a doença fizera tais estragos nesse curto prazo de nove dias, que o rosto

do formoso artista ficára irreconhecível. E assim, em face dum retrato, os embalsamadores poderiam guiar-se para que o rosto, ao menos, dêsse que fôra tão amado e tão belo, pudesse parecer-se alguma coisa com o que fôra em vida...

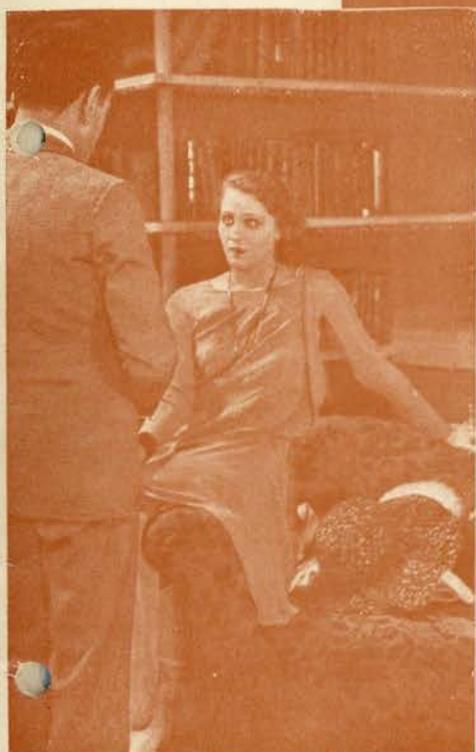
Rodaram três anos sobre este acontecimento, e ainda hoje, aparecem lencinhos de seda, ostentando em sépia o retrato de Rudolfo Valentino. As mulheres guardarão, por certo, esses amuletos de amor doentio. Mas se fôrmos a esquadrihar bem, não encontraremos tais reliquias na posse da Natacha, da Pola Negri e de tantas outras que o viram, amaram e conheceram....



Rudolfo Valentino no Monsieur Beaucaire

GOMES MONTEIRO

Lilian Harvey e Dina Gralla numa
sçena dramatica da
comedia - sentimental
*Amour, où nous
mènes tu ?*



Brigitte Helm e
John Stuart no novo
filme da Ufa *O
Yacht Yosivara*

PRODUÇÃO EUROPEIA

Gustav Froelich e
Lars Hanson numa
scena do filme *Vol-
tu ao lar*



FOTOS UFA

TODO o mundo conhece Renée Adorée, a celebre artista de cinema que, conseguiu com a sua interpretação, admirável e humaníssima, na Grande Parada, ofuscar o brilho dalguns astros resplandecentes de Hollywood. Mas, poucos, raros são os que ouviram falar de Renée de la Fointe.

Se o primeiro nome evoca a existência faustosa duma grande atriz, disputada pelos empresarios dos studios da America, percebendo honorarios fabulosos que se elevam, semanalmente a mais de 200 contos da nossa moeda, o segundo recorda a infancia dolorosa duma humilde filha dum clown modesto.

Renée de la Fointe nasceu, em Lille, no circo ambulante em que seu pai fazia, simultaneamente, de clown e de bilheteiro e sua mãe, de ecuyère, umas vezes, e outras de acrobata.



Renée Adorée e John Gilbert no filme «O dia das Almas».

A VIDA ROMANESCA DE RENÉE ADORÉE

Correu uma boa parte da Europa, no classico carro ambulante dos saltimbancos e, quando as noites não eram de frio cortante, dormia, ao ar livre, sonhando uma existencia diferente.

Dessa epoca recorda Renée Adorée, com melancolia, sua primeira paixão, aos dez anos de idade. O circo ambulante rolava de terra em terra, pela Russia fora até S. Petersburgo. E uma noite, na antiga capital dos czares, Renée, perdida na plateia dum cinema, sentiu que os olhos do seu vizinho da direita, um russo adolescente, a não desfitavam. Era a primeira vez que alguém a encarava com amoroso enlevo! A sua sensibilidade exarcebada pelo sofrimento, fez com que esse episodio, tão banal, a comovesse até ás lagrimas.

«Minha mãe — refere a que havia de ser mais tarde a famosa Renée Adorée — absorvida pelo filme não reparava no que se passava a seu lado. Ele não sabia uma palavra de francês nem eu entendia uma de russo. Sorriamos e aplaudimos o filme exprimindo, desse modo precario, a nossa mutua simpatia.

No dia seguinte o circo abandonava a cidade e desde aí nunca mais voltei a vêr

o meu simpatico e ingenuo admirador de S. Petersburgo»

Quando rebentou a guerra, o circo estava em Bruxelas. O pai de Renée de la Fointe foi recuando diante do invasor, parando nalgumas terras para dar espectaculos, alguns dos quais não asseguravam o jantar da familia.

Acossada pela miseria, Renée de la Fointe entrou com seus dois irmãos numa revista, em Paris. Ganhava pouquissimo, como comparsa, mas, á custa de inenarraveis sacrificios, conseguiu economizar o suficiente para poder atingir a America, onde julgava aguardá-la a fortuna.

Os primeiros tempos foram tragicos. E já se desesperava, exgotado o dinheiro, perdida a confiança, quando inesperadamente, lhe surgiu um contrato, como bailarina, num music-hall modesto.

Mezes depois, Renée resolveu, compôr cançonetes que ela mesmo vulgarizava. Algumas delas alcançavam sucesso e atraíram, sobre a autora a atenção de Tom Moore que, nessa epoca, trabalhava nos studios de New York.

Este artista fê-la debutar num filme, desempenhando um papel que sua irmã se recusava a fazer.

Agradou mais a Tom Moore do que ao publico, porque se este recebeu com frieza a estreante, o entusiasmo do seu protector foi tão grande que,



Numa scena do filme «Flaming Forest»



um ano depois, Renée de la Fointe, transformava-se em mistress Tom Moore.

O seu primeiro papel de importancia no cinema foi num filme de Reginald Barker — «A luta eterna» — extraído duma novela de G. B. Lancaster.

A maior parte das scenas deste filme desenrolavam-se no Canadá: durante a sua factura, duas vezes sua vida correu risco. Uma vez, numa corrida em skis esteve perdida, na neve, muitas horas, e, doutra, ia morrendo afogada por se ter voltado o escalor em que se encontrava.

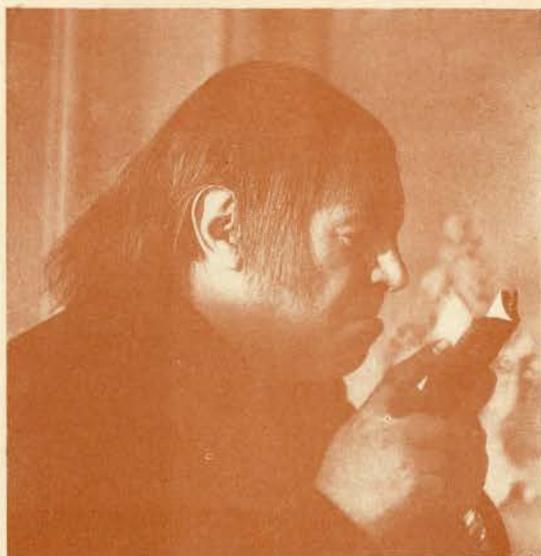
Hoje, em pleno triunfo, Renée Adorée, afirma, com extranha convicção, pensando talvez na infancia humilde e na adolescencia torturada de Renée de la Fointe:

— Para ser artista não basta o cerebro: é necessário ter coração...

Renée Adorée interpreta o drama dos outros, com uma verdade e uma emoção que empolgam as plateias. Estas, com seu instinto seguro e infalível vislumbram atravez dum grande temperamento de artista uma alma excepcional de mulher. Sabem que a sua arte é grande e bela porque foi construida pelas mãos terríveis e caprichosas da Vida...

OS GRANDES FILMES

TARTUFO

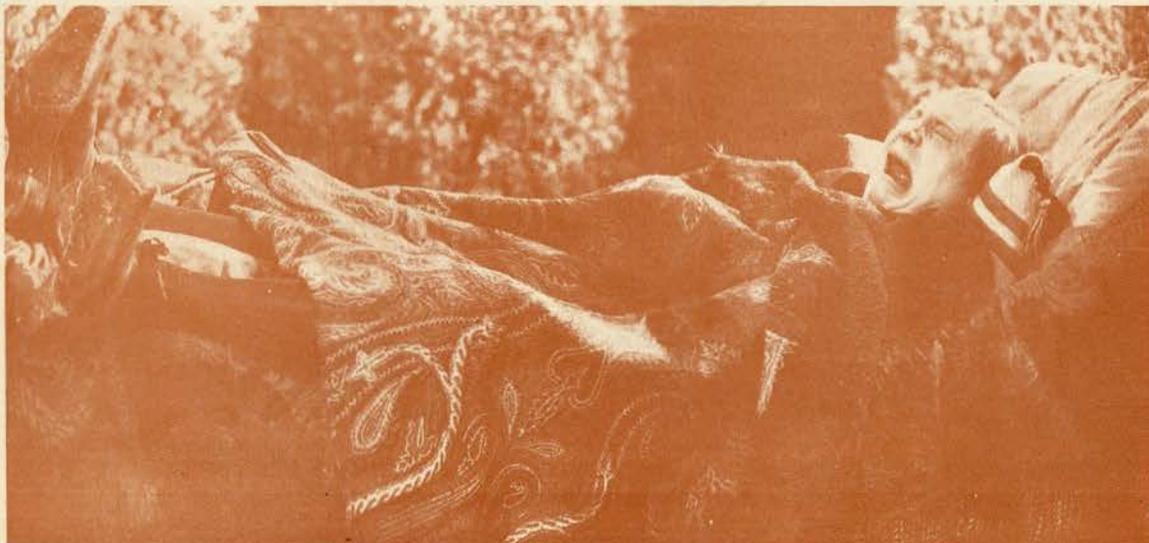


Num dos primeiros programas que o Central-Cine apresenta, figura uma notável produção: —«Tartufo». A realização é de Murnau. Quem não conhece este realizador celebre? «Ultimo dos homens» e «Fausto», são dois filmes que, entre nós, se exibiram e obtiveram um inusitado sucesso. Foi Murnau que os animou com a sua magnífica visão e o seu grande saber. Que será «Tartufo»? Outro sucesso, evidentemente.

Da interpretação basta dizer que, entre outros nomes consagrados, figura o de Emil Jannings, o maior actor cinematografico de todo o mundo.

O filme «Tartufo» alcançará, decerto, um gran' e sucesso e o Central-Cine, exibindo-o, prestará uma compreensível satisfação à inesgotável curiosidade dos cinéfilos lisboetas.

Distribuição de Raul Lopes Freire



OS PROECTAS DO CINEMA

Como se sabe, o cinematografo, tal como hoje se conhece, foi inventado ha uns trinta anos pelos irmãos Lumière, porém já antes disso havia sido concebido por poetas e filosofos.

Haja em vista a lanterna magica, ou seja o principio da projecção, que já era conhecida pelos hebreus, que se serviam dela para revelar os seus misterios aos iniciados.

A alegoria da caverna, contada no sexto livro da Republica de Platão, tem uma notavel semelhança com a lanterna magica.

Lucrecio, tão rico em profecias, quasi que previu a T. S. F. e os raios X e dá-nos uma teoria dos principios do cinematografo, baseada na rapida successão das imagens da retina. Ao passo que a primeira imagem desaparece, outra a substitui numa posição um pouco diferente, com o fim a fazer supor que a primeira é a que realmente havia regressado. Esta ilusão procede da velocidade e faz que os olhos, feridos ao mesmo tempo pelas multiplas partes dum mesmo objecto, tenham a ilusão de uma imagem única.

Fenelon, no seu livro sobre a educação das raparigas, fala do partido que se poderia tirar de uma visão animada para a educação dos rapazes. «O cerebro dos rapazes, escreve, é como a chama de uma vela exposta ao vento. Vacila continuamente. O rapaz faz uma pergunta e enquanto lhe não respondem distrai-se a ver voar as moscas. ¿Não haverá um meio de fazer desfilar metódicamente as imagens ante seus olhos para que elas lhes fiquem gravados na imaginação?»

Em 1760 apareceram em Paris as profecias de Giphante, devidas a Tiphaine de la Roche, que continham uma descrição extraordinaria da fotografia.

«Saberás, disse a Tiphaine um dos genios dos elementos, que os raios de luz, reflectidos por diversos corpos, reflectem por sua vez diversas figuras e sombras

O cinema — purificador de almas

Um filme que salva um tresloucado dum odioso crime.

O cinematógrafo, como todas as artes criadoras de beleza e verdade, exerce por vezes uma influencia profundamente moral no espirito humano, quando essa arte saiba falar á alma e tenha a impulsión-la uma caracteristica de irrepressivel honestidade.

E a comprová-lo aqui está o seguinte caso, absolutamente verídico, que apresentamos á apreciação dos nossos leitores.

Um dia, o director Murnau, mestre admiravel das peluculas «Fausto», «O ultimo dos Homens» e «Aurora», recebeu uma caixinha cuidadosamente lacrada, que encerrava cinco balas de revolver e uma carta assinada por Bela, antigo official do exercicio austro-hungaro.

A carta, emocionantissima, resava assim:

«Num teatro de Budapest, e não numa igreja, foi onde a minha alma se salvou dum irremediavel precipicio. Essas balas são o testemunho da minha gratidão pelo enormissimo serviço que me prestastes, a minha mulher e a meus filhos. Levando na algibeira o revolver carregado, dirigi-me a uma igreja para vê se conseguia livrar-me da tentação, mas nada consegui nem pude fugir á tentação de uma mulher que me incitava a desembaraçar-me da familia.»

«Essa mulher, porém, não prevendo a influencia que iria ter sobre mim, arrastou-me para o cinema onde se exhibia a encantadora pelucula «Aurora». E dentro da sala, sentado no meu lugar, olhando atentamente o pano branco, vi-

me tal qual era, e até a jovem esposa da pelucula se parecia com a minha e o filho com o meu pobre filhinho. Um homem como eu percorria a scena, disposto a realizar a mesma má acção que eu estava resolvido a praticar e que, como eu, sofria naquele momento uma formidavel crise moral. Quando terminou a sessão, sem pronunciar uma unica palavra, enfiei o braço no da minha amante e arrastando-a para o local dos nossos habituais encontros, mostrei-lhe o revolver e disse-lhe com firmeza que usaria dele contra ela, se voltasse a aparecer-me».

«Ao regressar a casa, contei tudo a minha mulher. Compreendeu-me e perdoou-me. No quarto onde dormem meus filhos, está pendurado um retrato vosso que cortei duma revista. Quanto ao revolver, atirei com êle para um poço que fica em frente de minha casa. As balas aí lh'as remeto, como recordação do enorme beneficio que acaba de me ser prestado».

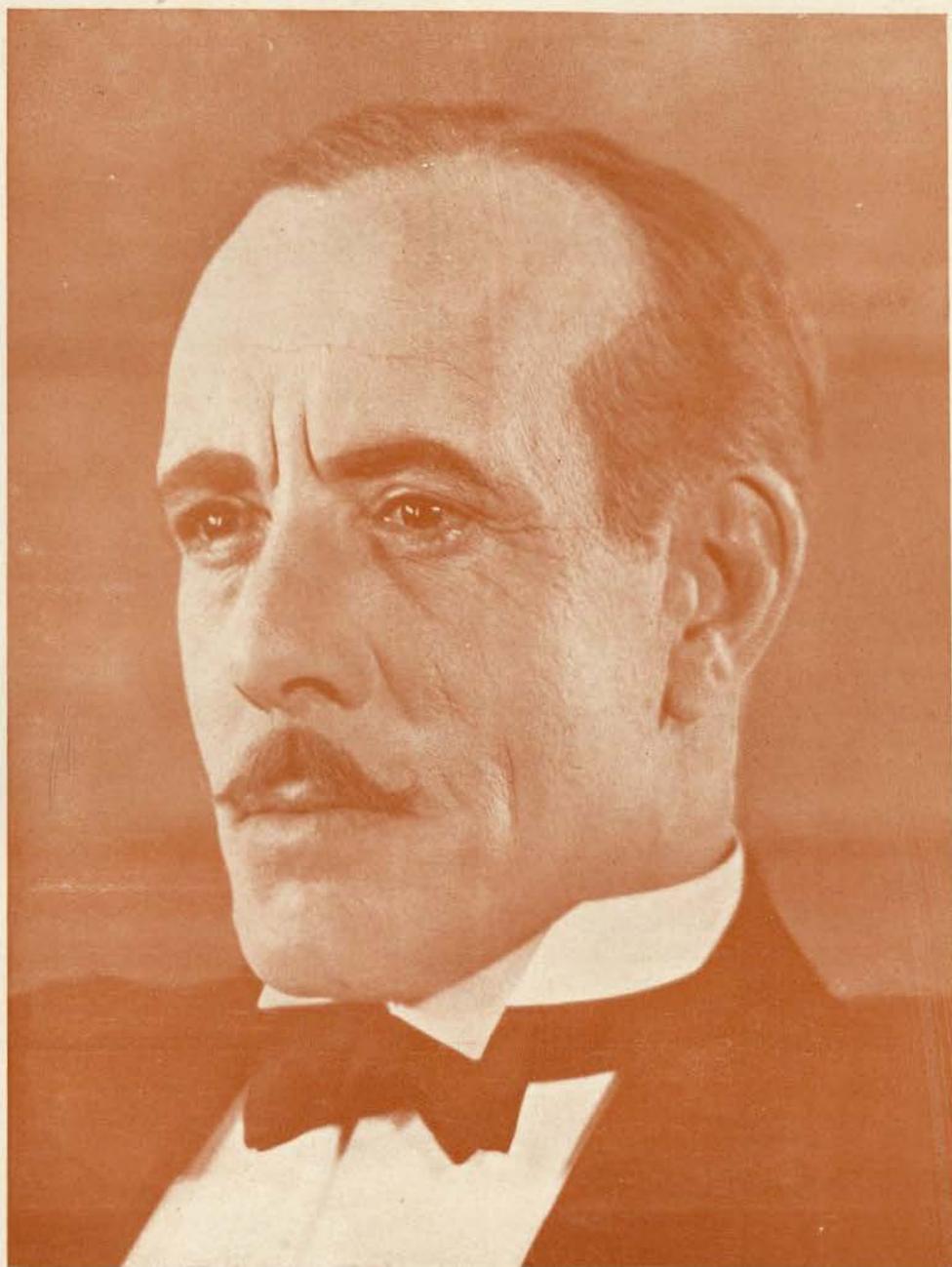
Como se vê, nem só as religiões fazem milagres. O cinematografo, apesar de haver quem afirme que é uma arte que dá agora os primeiros passos e que apenas tem o merito de distrair os que não teem nada que fazer, também realiza obras como esta que os leitores acabam de apreciar.

Não deve haver, com certeza, muitos homens de cinematografo, a quem tenham sucedido casos que tanto falem ao coração e tão justificadamente os envaideça.

sobre as superficies polidas como por exemplo sobre a retina dos olhos, sobre os espelhos e sobre a agua. Os espiritos teem procurado a maneira de fixar essas imagens fugitivas e arranjaram para isso uma materia viscosa e leve que em pouco tempo séca e endurece. Com esta substancia untam uma tela e põem lhe na frente os objectos que querem reproduzir. A impressão faz-se rapidamente e a tela retém os objectos com a precisão dum espelho. Em seguida leva-se a tela para um lugar escuro até secar, apare-

cendo depois uma imagem exactamente igual á realidade.»

Como se vê, as profecias não faltam e até nos dão a medida da serie de tentativas que a humanidade necessitou fazer para chegar a produzir uma só das suas grandes invenções. Primeiro, nasceram em forma de sonho na imaginação dos poetas, a seguir são examinadas pelo pensamento abstracto dos filosofos e, por ultimo, depois de um largo estudo que dura centenas de anos um homem com talento práctico dotado de forma material.



LEWIS STONE

Este admiravel actor que admirámos em «O Prisioneiro de Zenda», «Trono Vago», etc.
acaba de ser contractado pela M. G. M.

de toda a parte

O ponto internacional do «Cavaco» em Hollywood é a vivenda de Emil Jannings. Tentador pelo conforto do seu gabinete de desenho e pela fama dos seus jardins, ali acorrem todos os visitantes celebres que vão observar de perto a cidade do filme. Ultimamente, dois príncipes visitaram o grande interprete do «O ultimo dos Homens». Foram eles Guilherme da Suecia e o seu amigo Conde de Landstraën.

De novo as administrações de correios na Inglaterra e America insistem pela clareza dos endereços. Aparecem ali sobscritos que são verdadeiras charadas e que fazem perder um tempo infinito aos empregados curiosos.

Clara Bow recebeu uma carta com este endereço IT. Hollywood California. Com Mary Pickford foram mais amáveis dirigiram-se-lhe o doce titulo do «America's Sweetheart» (o querido amor da America).

E são desenhos e são versos e é uma infinidade de enigmas graficos para desafiar a perspicacia dos funcionarios postais... Por isso eles se queixam e pedem clareza.

Mãe Marsh está esquecendo o cinema pela familia. Tem hoje tres pequenitos cuja companhia prefere á gloria da scena e ao triunfo de toda a companhia.

Cá e lá... más legendas há. Um grupo de escritores londrinos dirigiu-se ao Ministerio da

Instrução pedindo que uma severa e rigorosa inspecção seja feita às legendas dos filmes exibidos em Inglaterra. Fica bem aos escriptores ingleses esta defesa da sua lingua e muito melhor nos ficaria imitá-los. Estamos fartos de legendas em bundo e agora aparecem-nos outras em brasileiro com que não ficamos a ganhar. Vamos imitar os ingleses?

A Companhia dos Artistas Unidos levará à scena a vida de Cristovam Colombo. A filmagem será dirigida por Fred-Niblo e será a mais luxuosa das produções da Companhia dos Artistas Unidos até hoje posta em scena.



Ester Ralston numa scena de «Something Always Happens»

Na pelicula, Niblo cuidará mais a parte romantica do que a historia da vida do grande navegador, o que lhe deve assegurar o aplauso das plateias femininas.

Não ha muito tempo que a F. B. O. anunciou que filmaria uma serie de peliculas sobre aviação interpretados por Bob Steele e muitos artistas. Pois bem, cumprindo a promessa, a F. B. O. vai começar a filmar uma super-produção feita sobre um argumento heroico e impressionante e que se chamará «A Legião dos Ases».

Neil Hamilton será o heroi da proxima pelicula de Elinor Glynny titulada «Three Week Ends», onde Clara Bow fará a protagonista.

À ultima hora, Chester Conklin foi chamado a acompanhar Clara e Neil. honra que aceitou.

Elinor Glyn costuma assistir à filmagem dos seus argumentos. Durante a impressão de «Ritzzy», Mrs Glyn estava vendo James Hall fazer o papel dum duque inglês. De repente, a um sinal, a dança pára e ela dirigindo-se a James e á companheira deste, Betty Bronson, diz lhe: Por favor Mr. Hall, não seja tão excentrico a dançar, como o Principe de Gales.

Os duques não bailam assim...

Pela primeira vez, desde muito tempo, Joan Crawford, resolve descançar justamente quando tinha convite para trabalhar numa boa duzia de peliculas.

Joseph P. Kennedy que principiava a trabalhar na industria cinematografica em Fevereiro de 1926, depois de ter ocupado o elevado cargo de Presidente do Banco de Boston, surpreendeu, desde o seu advento, o mundo teatral com a sua notavel personalidade e brilhantes conhecimentos.

A sua actividade espantosa tornou em dois anos a F. B. O. uma das mais importantes organizações cinematograficas.

A sua vida tem sido desde a meninice consagrada ao trabalho. Nascido em Boston em 1888, deixou o liceu em 1908 e a universidade em 1912.

Livre das aulas, passou a trabalhar como funcionario do Estado como inspector dum banco.

Em 1914 foi nomeado presidente da Columbia Trust Company, sendo então o mais novo dos directores do Banco.

Varios cargos importantes veio exercendo até que, atraído pelo cinema, fundou em Haward, universidade onde estudara, um curso de cinematografia promovendo conferencias publicas.

O extracto destas conferencias foi por ele compilado em 1927, num volume «The Story of the Film», publicado pela «Shaw Company», de Chicago. Um exito enorme acolheu a obra.

Em Janeiro do ano corrente, Joseph Kennedy conseguiu a união da F. B. O. com a «Radio Corporation of America» ligando assim os progressos do «Cine» aos progressos do Radio.

Esta união trará de futuro à F. B. O. a utilização de todas as patentes referentes á reprodução de sons, sincronização, transmissão e televisão que a R. C. A. possui e será na opinião de muitos o mais agigantado passo da industria cinematografica moderna.

Joseph Kennedy conseguiu, portanto, nos dois anos e meio que tem dedicado ao cinema, muito mais do que outros que nele trabalham desde o inicio da industria e, apesar de tanto, os entendidos dizem que Joseph Kennedy apenas começou...

Joseph Kennedy deve neste momento encontrar-se já na Europa

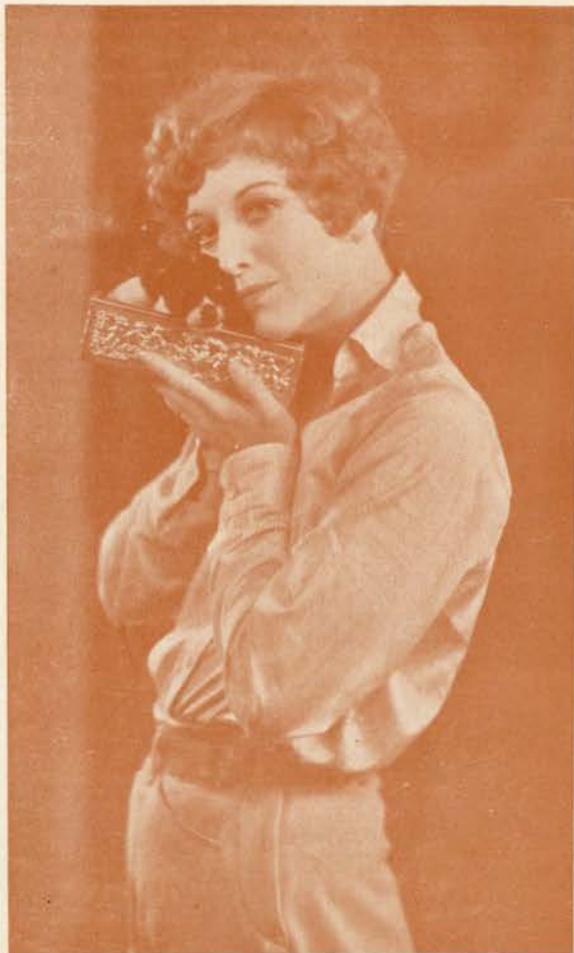
que pensa visitar de extremo a extremo.

Acompanha-o Madame Kennedy e o senhor D. Ambrosio S. Dowking. Gerente Geral da F. B. O. Export Corporation.

Joseph M. Schenk não acredita no exito das peluculas faladas que, a seu ver, podem ter um interesse e passageiro. Afirma que três ou quatro filmes dialogados podem dar bons resultados economicos. Mas, uma vez que o publico aprecie trinta ou quarenta, chegará à conclusão de que as peluculas mudas são preferiveis. O dialogo destroi a sinceridade do ecran. Assim, a falta de realismo das vozes mecanicas será o pior inconveniente das fitas faladas.

Em compensação, o aproveitamento dos metodos fotofonicos que proporcionam ao «ecran» o acompanhamento musical sincronizado dará margem a uma economia de 400 dollars diários, ficando ao alcance de todos os salões cinematograficos.

Adolphe Menjou processou um fabricante de gravatas que cometeu o abuso de dar o seu nome a um laço de inferior qualidade. Diz o famoso artista da Paramount que tendo grangeado a justa fama de vestir bem, o facto de se ter ligado o seu nome a uma grava-



Uma verdadeira joia para o dote de Joan Crawford

ta de tão mau gosto menoscava os seus creditos de elegante. Como indemnização pede 25.000 dollars, valor que atribui aos prejuizos que um tal abuso lhe causou.

William Seiter—o esposo de Laura La Plante—que dirigiu Colleen Moore em «A felicidade vista de frente», acaba de ser designado para dirigir tambem «O pecado sintetico», e «A rapariga mais rica do mundo».

A formosa Colleen começará a filmar a primeira destas peluculas logo que regresse da larga excursão maritima que anda realizando com seu esposo na costa ocidental da Hispano-America.



John Barrymore com Dolores Costello nos "Amores de Manon"

O CINISMO GENIAL DE JOHN BARRYMORE

DE todos os artistas que trabalham, dia a dia, nos «studios» de Hollywood, John Barrymore é talvez o maior e o mais perfeito. Descendente duma vasta família de actores e actrises que se celebraram no teatro americano, mantém gloriosamente essa tradição que dura há séculos. Vive junto de seus irmãos Lionel e Ethel que se consagram igualmente ao teatro e ao cinema. Lionel tem sido o protagonista de vários films de sensação; Ethel, que pouco tem feito no cinema, é hoje a intérprete ideal das heroínas do teatro shakespeariano. John, o mais novo, é o verdadeiro ditador artístico de Hollywood, ganhando cem mil dollars por cada obra. Os três irmãos consagram entre si um afecto acrisolado e uma sincera e mútua admiração. Conversam, por vezes, enternecidamente. Lionel, o mais velho, costuma dizer:

— Jack (a John usam chamar Jack) como eu gostaria de ser um artista como tu...

Ao que John responde:

— Estás enganado, Lionel. Tu és um artista admirável e eu estou muito longe de me aproximar do teu talento...

E voltando-se para Ethel, afirma-lhe num afago:

— Da nossa família de artistas, tu és a maior de todos.

No entanto, numa só coisa Ethel e Lionel estão de perfeito e absoluto acôrdo: em considerarem John o maior dos três.

John Barrymore sobressai nesse viveiro de grandes artistas pela sua figura esbelta, pelo seu talento maravilhoso e, sobretudo, pelo seu terrível e constante mau humor. Trabalha sempre senhor de si e sem se importar com as indicações do director de scena. Não respeita ninguém. As próprias mulheres de Hollywood temem-no pelas suas frases contundentes, certeiras, rudes, embora justas, e sentem um pavor tremendo ante o seu fundo conhecimento da psicologia feminina. Para emitir uma opinião ou classificar uma pessoa, seja qual for o seu sexo

ou posição, John Barrymore não usa meios termos. Diz o que tem a dizer, alto e bom som, dá a quem doer. Por isso todos o temem — e muito especialmente o mulhêro.

A sua presença, conquanto pouco amável, inspira simpatia — aquela simpatia que sentimos junto das feras magestosas. Tem uma voz cálida e harmoniosa que sabe proferir insolências duma maneira adorável. É louro, tem olhos azuis, penetrantes e vivos e o seu nariz recto e fino faz destacar ainda mais o seu perfil magnífico. É, em suma, daqueles artistas cuja figura se destaca sempre, em qualquer parte, sem esforço, pela sua própria personalidade. É cínico, insolente e formoso; sente orgulho em ser mal educado e detesta-se a si próprio por vaidade.

Entrevistado, há dias, pelo ilustre jornalista argentino Arturo S. Mom, o artista expandiu amplamente as suas opiniões acerca do teatro e do cinema.

— Teatro e cinema — disse êle — são dois géneros absolutamente distintos. Não compreendo mesmo a razão porque falar deles ao mesmo tempo. A única semelhança que pode haver entre o cinema e o teatro é tão sómente a de que ambos se representam, ou podem representar-se, nas mesmas salas. A obra de teatro faz-se dentro de uma unidade que falta em absoluto à realização da obra cinematográfica. Descontada a obra propriamente dita, o elemento de teatro é a voz e a sua acção está limitada aos poucos metros de cenário. Ambos os géneros artísticos diferem, nos seus fundamentos e nos seus elementos de acção e expressão. Para se fazer uma película é necessário um trabalho muito semelhante ao de fazer um mosaico. Os elementos que hão de formá-lo obtêm-se sem qualquer método ou ordem. Quando todo o material está pronto é que se começa a dar harmonia. Corta-se aqui, tira-se acolá, acrescenta-se além, pedaço por pedaço.



John Barrymore com Mary Astor no *D. Juan*

tudo o que se filmou, até que se consegue uma unidade. E assim se concentra toda essa emoção dispersa em fragmentos para se formar uma só emoção. A arte deve cortar e unir uma película é talvez mais difícil e transcendente do que filmá-la e dirigi-la.



Dolores Costello

Ora, no teatro não é assim. O actor, subindo ao palco, pode graduar com a voz o tom da emoção e sente o efeito directo das suas palavras na plateia. Apercebe-se, acto contínuo, da acção dum gesto ou duma atitude, podendo assenhorar-se do sentimento do espectador.

No cinema, não. O artista cinematográfico trabalha, por assim dizer às cegas. O seu gesto, a sua emoção, as suas atitudes, lançados ao nada, só conseguem ser algo quando reflectidos no «écran». A meu ver, quando se é artista, deve ter-se sempre a perfeita consciência do efeito daquele gesto, daquela emoção ou daquela atitude. Deve ter-se a noção da série infinita de movimentos imperceptíveis que a expressão muda determina e que dizem, em conjunto, o que a palavra não consegue dizer, às vezes, com a suficiente eloquência. O prazer profundo de todo o artista cinematográfico deve consistir em acompanhar com a sua alma todos os ritmos de cada movimento.

Eu tenho uma profunda paixão pelo teatro. E tenho-a por total vocação, por tradição e por amor. É claro que reconheço ser o cinema uma arte pessoal, independente, magnífica e de maravilhosos recursos. No entanto, prefiro o teatro. Se estou no cinema é acidentalmente e porque dá mais dinheiro do que o teatro.

Dos meus filmes ainda nenhum me agradou. Talvez me satisfizesse o «O formoso Brummel» se não lhe tivessem cortado o melhor. As empresas (porque eu estou contratado) entregam-me sempre galãs doces, ternos e sentimentais. Não é isso que me serve. Eu desejaria criar um personagem cruel e vibrante, um verdadeiro cínico. Desejava um personagem que fizesse dizer ao público:

« Que grande malandro, que miserável cínico é este John Barrymore!... »

Referindo-se aos seus colegas, o artista tem expressões justas, sinceramente ditadas pela sua independência soberana.

- O que pensa de Charles Chaplin?
- Que é genial e único em todo o mundo.
- E de Douglas Fairbanks?
- Um grande actor no seu género.
- E de Pola Negri?
- Não conheço as suas películas. No entanto, é muito simpática pessoalmente.
- E de si mesmo, sr. John Barrymore?
- Detesto-me simplesmente...

Havia ainda uma actriz que o jornalista guardara propositadamente para o fim. Era Dolores Costello, a formosa estrela que, a breve trecho, criará uma fama universal. E' ela a preferida de John Barrymore, ou, melhor dito, é o seu grande e único amor. Existe entre os dois uma estremecida história amorosa que, para ter mais sabor novelesco, é cortada por terríveis obstáculos. Barrymore é casado. Como não foi feliz com o seu matrimónio, anda tratando do divórcio para se casar com a sua apaixonada. A família de Dolores tenta impedir esta ligação, mas tanto um como o outro estão tão ardentemente apaixonados que não haverá forças humanas que os separem.

Porisso, o jornalista perguntou intencionalmente:

— E Dolores Costello? Não lhe parece uma grande artista?

John Barrymore respondeu:

— Oh! essa é maravilhosamente doce e formosa. E' uma artista de génio. A sedução da sua figura e a intensidade da sua expressão tem a vir-

tude de chegar com a mesma força ao espectador e a todos que dela se acercam. E' a artista que mais admiro e prefiro. Posso até afirmar que é uma das maiores intérpretes do cinema... Oh! a Dolores Costello!... E' maravilhosa! maravilhosa!...

Barrymore falava com o coração. O seu « she is wonderful, wonderful!... » fôra pronunciado num tom tão apaixonado que, se não fôsse sobejamente conhecido o sentimento profundo que animara essas palavras, seria adivinhado na expressão ardorosa que lhes dera.

Para se avaliar da maneira independente e autoritária que John Barrymore adopta em todos os seus trabalhos, contaremos um episódio ocorrido, há dias em Hollywood.

O artista aparece vestindo um grosso capote azul escuro e botas altas, lustrosas como espelhos. Na cabeça traz um gorro alto de astracan. Vem fardado de oficial russo do exército imperial. O recinto, com grossas paredes de pedra húmida e lóbrega, tanto pode apresentar os muros duma prisão como os subterrâneos dum castelo medieval. Pesadas portas de ferro forjado com tetricos postigos, e, sobre os peitoris, pedacos de neve. A neve usada nestes casos é uma substância de mármore moído que conserva a espessura da areia do mar. Dá a mais perfeita ilusão. As grossas paredes de cartão-pedra e a neve simulada acabam por causar uma estranha sensação de frio.

O actor Fawcett e o director Taylor esperam. John Barrymore que entra no « studio » sem cumprimentar ninguém. Fawcett, que é um dos melhores característicos da cinematografia da União, veste também o uniforme imperial russo, de posto muito elevado, a calcular pelos galões e agulhetas



Outra scena do *D. Juan*

de oiro trémulas e scintilantes. Trata-se da película «Tempestade vermelha», cuja acção se passa na Rússia durante a revolução bolchevista. A uns três metros da câmara de impressão o actor Fawcett deita-se no solo e simula um morto. Sobre o temporal direito cai-lhe uma madeixa dos seus cabelos brancos manchados de sangue. Após uns curtos movimentos, o velho consegue aparentar a rigidez da morte. Dá bem a perfeita impressão do homem que morreu num momento trágico. Barrymore ajoelha-se a seu lado. Provavelmente, Fawcett é o pai e Barrymore o filho. A scena que se vai filmar é aquela em que o jovem oficial verifica a morte do outro. Barrymore esboça um gesto de dor intensa e solta um juramento de vingança. Parece simples tudo isto, mas requiere uma expressão trágica e poderosa. Enquanto pronuncia palavras entrecortadas por soluços, os seus olhos devem encher-se de lágrimas. O director Taylor faz algumas recomendações que Barrymore não escuta. Acerta altura, o artista parece ter encontrado a posição própria e diz sêcamente: «Depressa!»

—Luz... Câmara.. acrescenta o director. O pessoal electricista movimentou-se e sobre o rosto de Barrymore incide um raio de luz que lhe faz brilhar os olhos. A orquestra que está por detrás dum biombo (porque Barrymore não quer que o vejam enquanto trabalha) começa a executar uma música solene. O actor, inclinado sobre o cadaver, deixa andar a câmara durante uns momentos sem se mecher, aguardando a melhor ocasião para dar largas ao seu génio. Por fim, levanta um pouco a cabeça. A sua mão esquerda toca uma espécie de tatuagem simbólica que tem no pulso direito. Assim fica um momento. Depois, solta umas palavras misteriosas, tocadas dum acento dolorido e dramático. De repente, interrompe-se e diz para o operador:—«Não serve!» Repete-se a scena. O di-

rector Taylor conserva-se silencioso atrás da camera. A scena volta a repetir-se umas quantas vezes sem que o artista se dê por satisfeito. Entretanto, Fawcett, o que faz de morto, não move nem um musculo. Finalmente, Barrymore pede o gotario com glicerina que serve para fazer lagrimas artificiais. Põe algumas gotas nos olhos e volta a repetir a scena pela decima vez. Poderia parecer que saíra bem, a calcular pela satisfação do director Taylor que, tendo seguido silenciosamente todas as tentativas de Barrymore, exclama por fim:

«—Maravilhoso! safu maravilhoso!»

«—Não me parece—responde Barrymore duma maneira brusca e mal humorada— Não viu que movi unicamente as mãos e que o esforço não se estendeu aos braços e ao corpo?»

Não vê que não ha harmonia de movimento e que, assim, isto tem de sair mal?»

O director Taylor, semi-calvo, piscando os olhos, atrapalhado, limita-se a balbuciar:

«—Sim... tem razão..»

«—Então, se tenho razão — ruge o terrível Barrymore—para que diabo se mete você a dizer que está maravilhoso?»

E voltando-se para o operador:

«—Ptch! Outra vez... isto não serve...»

E a scena volta a repetir-se até vinte e cinco vezes, tendo saído, por fim, ao gosto do artista, com lagrimas verdadeiras e emoção natural.

Ah! John Barrymore é um grande actor que sabe o que quer e quer o que sabe.

Charles Chaplin definiu-o inteiramente naquela sua frase que ficou celebre:

«John Barrymore tem tanto talento como todo o Hollywood junto, mas é um grande cínico!»

SERGIO DE MONTE MOR

O VISINHO CONSELHEIRO

CHAMARAM, há dias, a nossa atenção para um pobre diabo nosso visinho que tem a mania de ser o árbitro das elegancias gráficas de Portugal e seus arredores. A princípio, calculámos tratar-se do «Pinheiro Maluco» que, para fazer concorrência a outros camaradas seus, tivesse fundado uma revista cinematográfica.

Indicaram-nos o «tipo» que não era o bom Pinheiro, embora o pudesse ser muito á vontade. Nem sequer o conhecemos. Nunca lhe pressentimos réstea de talento, nem mesmo o encontramos nas lides da imprensa, em que, há muitosanos, trabalhamos. Ainda assim, disfrutámo-lo.

O pobre, agitando a farpela e dando-se ares bondosos, dirigia-se aos transeuntes que não lhe ligavam a menor importância:

«— Um conselho de amigo... vá lá sempre... O bom gosto tem leis... E' absolutamente condenável criar fórmulas bizarras, vagamente equívocas e sem a menor justificação... Olhem para mim...»

Dizendo isto, o pobrinho abanava a desbotada véstia, uma dessas véstias poeirentas que os albigebes franceses, alemães e até espanhóis oferecem como brinde a todo o mundo que vê revistas de bonecos.

Coitado!

Mas se êle — pobre pretencioso que não sabe conhecer-se — tem a mania de que a tal estética foi soprada e criada com muito amor... á sua imagem e semelhança!

Está por consequência no seu direito... de esteta.

G. M.

CORRESPONDÊNCIA

Armando Pinto — Pode escrever-lhe em inglês ou em francês. A morada é a que indica na sua carta. O principal motivo de não haver indústria cinematográfica em Portugal é, sem dúvida, a falta de iniciativa e a ausência de capital.

Stim — Clara Bow é solteira, tem 23 anos de idade, tem olhos pardos, cabelos muito ruivos e mede 1 metro e 59. Florence Vidor, Paramount Studio, Hollywood, California. George O'Hara, c/o The Standard Casting Directory, Inc., 616, Taft Building, Hollywood Boulevard Hollywood, California.

Raulzinho — Mary Brian, Paramount Studio, Hollywood, California. Glória Swanson, United Artists Studio, 7100 Santa Monica Boulevard, Los Angeles, California.

Juca Brasileiro — Mary Philbin, Universal Studio, Universal City, California. Nasceu na cidade de Chicago em 1905.

Géglé — Clive Brook é casado com Mieczyslaw Evelyne, mas em compensação John Gilbert não está noivo de Greta Garbo, muito pelo contrário, segundo notícias acabadas de receber de Hollywood. Não se entristeça, pois. Florence Vidor e Clara Bow, Paramount Studio, Hollywood, California. Não está absolutamente confirmado que Harold Lloyd tenha a falta de um braço; o que não há dúvida nenhuma é que tem menos três dedos numa mão. A sua direcção é: 6640 Santa Monica Boulevard, Hollywood California.

Aragon — Lois Wilson c/o The Standard Casting Directory, Inc., 616, Taft Building, Hollywood Boulevard-Hollywood, California. Dorothy Sebastian, Metro-Goldwyn Studio, Culver City, California. A interpretação desses artistas português está muito longe ainda de ser brilhante. Herbert Brenon é o nome do realizador de *Beau Geste*.

João Leal Socorro — O nome que o filme «Rosita, cantora das ruas» teve em França foi *Rosita*. Mary Pickford encontra-se

actualmente em Hollywood. Biscot, 3, Villa «Etex» — Paris (XVIII e).

Odeon I — Billie Dove, First National Studio, Burbank, California. Pode escrever-lhe em inglês ou em outra qualquer língua. Manda retrato.

Eduardo Oliveira Pinheiro Brito — 1.^a Americana. 2.^a Americana, filha de franceses. 3.^a Desconhecemos.

Admirador de Elvira — Queira perdoar-nos de só agora respondermos à sua pergunta. O filme «Hora Suprema» é extraído da peça de Austin Strong «7th Heaven».

Drapeau II — As estrelas nunca dão endereços das suas residências particulares. 1.^o Janet Gaynor, Fox Studio, Western Avenue, Hollywood, California. 2.^o Lya Mara, Berlin-Charl. 1, Pommarinalee. 3.^o «7th Heaven».

Um que gosta dum Olhanense — Jobyna Ralston c/o M. M. John Lancaster et Jack Gardner, 523, Taft Building, Hollywood California. É casada.

John Gilbert II — As publicações cinematográficas que se editam no Porto, são, presentemente, *Espectaculo e Invicta Cine*. Para Douglas Fairbanks e Ronald Colman escreva para a seguinte direcção: United Artists Studio, 7100 Santa Monica Boulevard, Los Angeles, California.

La Bohemia — A direcção de Jacques Catelain é Boulevard des Invalides, 63, Paris (VIIe).

Salta Corre e Berra — Clara Bow é solteira, nasceu em Brooklyn em 18 de Agosto de 1905, tem olhos pardos, cabelo ruivo e mede 1m,59. Desconhecemos os nomes de seus pais. Pode escrever-lhe para o Paramount Studio, Hollywood California, onde poderá adquirir a fotografia.

Eduardo Paulo de Macedo — Os nossos agradecimentos. Não possuímos postais de artistas cinematográficos nem nos consta que o «Diário de Notícias» os tenha. A Livraria Peninsular da R. da Vi-

tória, tem o que deseja, mas em espanhol.

Remito — Janet Gaynor nasceu em 6 de Outubro de 1906 e Mary Pickford em 8 de Abril de 1898. Desconhecemos quanto ganham Greta Garbo e John Gilbert.

Pola Negri — V. Ex.^a nunca maça e muito menos quando reconhecemos o sentimento que a fez escrever a sua carta.

Para perfeita elucidação responderemos:

1.^o — Ronald Colman é de facto o seu nome de baptismo.

2.^o — «A cor dos seus lindos olhos» servindo-nos da frase de V. Ex.^a é parda!

3.^o — O cabelo preto.

4.^o — De facto, Colman é de sangue azul, do mais puro que corre nas veias inglesas.

5.^o — V. Ex.^a pergunta o que é preciso para entrar para um «studio», na America, afim de gozar a vida junto do seu apaixonado Ronald?

Leia o artigo assinado pelo nosso colaborador e ilustre jornalista Antonio Ferro.

6.^o — Recebe correspondência no United Artists Studio — 7100 Santa Monica Boulevard, Los Angeles, California.

7.^o — Deixámos-lhe para o fim a melhor informação:

— É casado, mas está separado.

Da razão porque Ronald está sempre triste naturalmente só ele lhe poderá responder.

...e, olhe que V. Ex.^a é uma perguntadora?!...

Antonio Norma Talmadge, United Artists Studio, 7100 Santa Monica Boulevard, Los Angeles, California.

Ficaram retiradas por falta de espaço as respostas às consultas dos seguintes leitores: Mario Passos da Silva, Mario Baptista, Antonio José L. Pinto, Manuel Jorge de Sousa Costa, O Kid, Jorge Gonçalves, Hamlet, Analpife, Harold sem olhos, Laura la Fer, Um amador de Cinema e Charles Dupont que publicaremos no numero seguinte.

«EVA»



É a mais bem feita e completa revista feminina portuguesa. É a única que dá modelos originais, com exclusivo, que expressamente manda executar a Yvette, um dos maiores nomes da alta costura parisiense.

Trabalhos fotograficos

Reproduções, Ampliações, etc.



Av. Marquez de Tomar, 95, 2.º

:: :: Telef. NORTE 2488 :: ::

O
S
F
I
L
M
S
D
E
M
A
I
O
R

**M
E
T
R
O
G
O
L
D
W
Y
N
M
A
Y
E
R**

S
U
C
C
E
S
S
O
M
U
N
D
I
A
L

RUA BRAAMCAMP, ^R/C 10, D.

••••• LISBOA •••••

O MELHOR E O
MAIS POPULAR
DOS CINEMAS
: DE LISBOA :

PELA ESCOLHA DOS
SEUS PROGRAMAS,
PELA COMODIDADE
D A S S U A S
MATINÉES
DIARIAS, PELA SUA
ESPLENDIDA OR-
QUESTRA-JAZZ

UNICO CINEMA QUE
D I S T R I B U E
GRATUITAMENTE, POR
SORTEIO, BRINDES
M E N S A E S
AOS SEUS FREQUEN-
: : : T A D O R E S : : :

BRINDE DESTE MEZ:

Uma esplendida grafonola
"Columbia,, com 24 musicas